



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

SILVANIA ALVES POMPÊO DE MIRANDA

Hoje, 28 de novembro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade dá continuidade ao seu Projeto Memória Oral, que busca reconstituir a história da Biblioteca sob diferentes ângulos, entrevistando a funcionária Sylvania Pompêo de Miranda, que trabalha na instituição desde 1980, tendo atuado em diferentes setores. Na captação de imagem, Washington Oliveira e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Sylvania, para começar nós gostaríamos que você falasse um pouco sobre a origem e a atividade profissional de seus pais.

Sylvania Miranda: Meu pai também era funcionário público, trabalhava com engenharia e minha mãe sempre foi dona de casa. Ela não trabalhava, ficava para olhar os filhos, que nós somos em oito irmãos.

DP: E vocês nasceram onde?

SM: Nasci em São Paulo, capital.

DP: E seus pais eram de São Paulo mesmo?

SM: Não, meu pai era de Piracicaba e minha mãe, de Tatuí.

DP: E vocês tinham uma relação forte com essas cidades?

SM: Não. Eu nunca nem fui, nem meus pais. Acho que de criança já vieram para cá e acabaram se adaptando em São Paulo mesmo.

DP: E a sua vida escolar, foi na escola pública, foi na escola do seu bairro?

SM: Eu estudava em escola pública.

DP: Qual o bairro que você nasceu?

SM: Vila Matilde.

DP: E quais são as memórias que você guarda do ambiente da escola, dos professores, do espaço físico?

SM: Naquela época era diferente da época de agora, era bom, as escolas eram boas, o nível era bem melhor do que agora. Antigamente dava para estudar em escola pública; hoje é mais difícil, porque caiu bastante o nível da escola pública.

DP: E você lembra da biblioteca, dos professores?

SM: Eu me lembro de alguns, inclusive até hoje eu mantenho contato com uma professora que eu tive no primário, a Dona Nanci, que depois foi diretora. Em uma festa nós nos encontramos há uns cinco anos atrás. Eu me lembrei dela e ela também depois se recordou, a gente conversou e ela acabou se recordando.

DP: E antes de trabalhar na Biblioteca, você tinha tido algum emprego?

SM: Não. Foi meu primeiro emprego.

DP: E como você chegou até a Biblioteca?



SM: Naquela época nós éramos contratados primeiro também, então foi através de um amigo do meu pai que me apresentou. Depois de dois anos eu prestei um concurso, passei e fui efetivada.

DP: Isso foi em 1980, não é? E depois, você lembra de suas primeiras impressões nesse primeiro momento de adaptação?

SM: Primeiro, foi tudo muito diferente, porque eu não sabia nem como chegar ao centro da cidade. Meu pai me levou nos primeiros dias. Até parece engraçado, mas é que eu nem sabia chegar até aqui para trabalhar, mas aí, depois, a gente vai se adaptando. Foi chegando o metrô e foi ficando um pouco mais fácil. Então nos primeiros dias ele me trouxe. Até então não tinha metrô que chegasse até aqui. Tinha que descer no Parque Dom Pedro e tinha que subir tudo a pé para chegar até aqui. E depois também nós só trabalhávamos seis horas, era um horário diferenciado e nós trabalhávamos em três turnos e eu era do período da manhã.

DP: E qual foi a sua primeira atividade na Biblioteca, sua primeira função?

SM: Foi na torre, no oitavo andar. Eu aprendi a trabalhar com os livros no oitavo andar.

DP: Você depois foi concursada e logo ficou como encarregada do oitavo andar, é isso?

SM: Não. A gente não era encarregada, a gente trabalhava e nós éramos funcionários normais, não éramos encarregados. Depois de algum tempo é que... Eu fui pegar a chefia agora. Trabalhei durante três anos respondendo como encarregada, mas não ganhando. Fiquei porque me pediram e na época não tinha ninguém para ficar. Depois eu peguei o cargo de chefia, fiquei seis anos e agora eu estou entregando, entreguei na semana passada, porque já passou bem do meu tempo de ficar.



DP: Nós gostaríamos que você nos contasse um pouquinho de todas as atividades que você desenvolveu aqui, quando você entrou, do seu trabalho na torre, que você fizesse um pouco este resgate de todas as suas muitas atividades aqui na Biblioteca.

SM: Naquela época de 1980, 1985, antes de 1990, era gratificante trabalhar aqui. Nós trabalhávamos muito, nós não tínhamos o Centro Cultural, então era tudo centralizado aqui. Tinha um movimento de quase mil pessoas por dia que nós fazíamos. Agora é uma demanda bem menor, a gente vê pelo número de pedidos, é bem menor do que antigamente.

Na torre eu trabalhei em diversos andares, onde eles precisavam. Eles colocavam a gente na torre, no oitavo andar, em qualquer outro andar da torre: na Sala de Leitura, na Seção de Artes, que precisava muito na parte da noite, porque ela ficava aberta até às 22 horas.

DP: Isso durante toda a década de 1980?

SM: É, durante toda a década de 80 ela funcionou assim. Ela veio mesmo a fechar, se não me engano, depois da última reforma. Aí os setores foram fechando, o número de funcionários também decaiu bastante. Não somos mais em três períodos, somos dois. É dois em um, praticamente, porque acabamos resolvendo muitos problemas. A circulante foi legal também, fiz muitas coisas boas, de atendimento ao público. A gente fazia a demanda de todos os livros que recebíamos. Nós íamos fazendo todas essas coisas. Depois eu voltei para cá e trabalhei na etiquetagem. Foi um trabalho também bastante longo porque foi logo que reabriu e nós montamos novamente a torre inteira.

DP: Quantas pessoas estavam envolvidas com isso?

SM: Olha, tinha o pessoal da etiquetagem, nós éramos quatro e mais alguns funcionários da própria Biblioteca. Então eram mais ou menos de trinta a cinquenta



peessoas envolvidas na recolocação dos livros, que ficaram dentro de contêiner em algumas salas e, na época, até ficaram bem maltratados. Aí a gente teve que montar a torre todinha. Foi nessa passagem que eu fiquei três anos como encarregada e depois mais seis anos na chefia.

DP: E esse processo todo da etiquetagem dos livros foi um processo muito longo? Em quanto tempo os livros voltaram a ocupar a torre?

SM: A gente até fez em tempo recorde, porque era um ano político. Então, quem estava queria entregar para que quem entrasse não reinaugurasse. Então foi em tempo recorde, acho que em menos de três meses nós fizemos tudo isso.

DP: E aí vocês trabalhavam muitas horas, dez horas, assim?

SM: A gente trabalhava que nem doida. A gente entrava sem horário para sair. O serviço era constante. E nós não tínhamos elevador também, ele não estava pronto ainda. Não estava nada pronto, mas nós tínhamos que montar a torre para poder inaugurar.

DP: E a organização dos livros se manteve tal e qual antes da reforma? Eles se mantiveram na mesma ordem?

SM: Nem tudo porque até hoje, se a gente for analisar, não conseguimos ter tudo em ordem. O que a gente procura, às vezes a gente acha e às vezes não, e não foi dada baixa. Algumas coisas se perderam nesta reforma e muita coisa está errada.

DP: Vocês conseguem identificar as perdas, onde estão os buracos, ou é quando os usuários pedem?



SM: É, quando pedem. A gente não tem espaço, não fica buraco nenhum nas nossas estantes porque não tem espaço, não tem como nem estar inserindo um livro, a torre está completamente lotada. A gente não tem mais espaço para nada, o espaço é muito pequeno.

DP: E esse levantamento do que se perdeu, isso já foi feito?

SM: Olha, de algumas coisas eu acredito que sim, de outras eu acho que não, até porque nós não temos esse tipo de profissional para fazer esse tipo de trabalho, quer dizer, até temos, mas, se deslocar de um lugar, vai ficar sempre descoberto, então não tem como fazer. Talvez agora, com esse novo projeto, seja feito o tal inventário que a gente não conseguiu fazer até hoje por falta de pessoal.

DP: Você acha que houve um enxugamento muito grande de funcionários nessas últimas duas décadas?

SM: Foi bastante, porque, se a gente analisar, foram mais de duzentos funcionários que não foram repostos. Nós éramos, se não me engano, num número de trezentos e oitenta e poucos e agora a gente está com cento e poucos e foi muito pouco o que foi repostos. Mesmo estes, que foram repostos, já foram embora, se aposentaram por idade, nem foi por tempo de serviço, foi por idade mesmo.

DP: Quais são as áreas que você acha que foram as mais prejudicadas com essa redução de recursos?

SM: O atendimento, tanto dos bibliotecários como dos auxiliares, infelizmente, teve uma queda bem grande, porque, antes, em qualquer parte a gente encontrava uma pessoa para estar auxiliando o leitor. Hoje em dia é mais complicado, tem uma ou duas pessoas, às vezes só tem uma, às vezes não tem nenhuma. O mais prejudicado foi o atendimento mesmo.



DP: Atualmente, quantas pessoas trabalham nesses dois turnos?

SM: De manhã, nós somos em um número maior, porque a frequência de leitores é maior na parte da manhã. Das nove até as 18 horas, nós temos um número razoável de leitores. Depois cai um pouco, só o pessoal de jornais e revistas. À noite nosso quadro é precário, estamos com uns cinco funcionários e já tem um se aposentando por estes dias, que é o Walter, então vão ficar quatro funcionários, tirando a chefe, que fica à tarde. Vai ficar quase que impossível atender. Eu vou perder uns três ou quatro funcionários; até abril eu perco sete funcionários aposentando, e vai ficar difícil, porque nós temos nove andares para poder fazer o atendimento e mais o caixa, que seria o monta-carga e o atendimento da sala. Eu não vou ter pessoal para poder fazer tudo isso. Hoje já tem uns que fazem três andares, mas, cada dia que passa eles, vão ficando com mais idade e vai ficando mais difícil para eles também.

DP: Por que a retirada de livros é feita por eles mesmos?

SM: Eles pegam os pedidos, a gente coloca no monta-carga e aí eles mesmos vão pegar os livros e sobem. Tem dia que um vai e faz três andares, um faz seis, sete e oito, outro faz nove, dez e 11, e assim vai, esta é a nossa realidade.

DP: E em relação ao público, houve uma mudança muito grande do perfil do público?

SM: Houve. Antigamente vinha o público mais do segundo grau para cima, hoje já está bem mesclado, a gente atende de todos os níveis, primeiro, segundo e terceiro. Antigamente era do segundo para cima, nós não tínhamos material para o primeiro grau.

DP: Em relação às diferentes administrações, desde que você está aqui, você pegou umas cinco ou seis gestões, então eu queria que você falasse um pouquinho sobre as



diferenças, as particularidades de cada diretor, os momentos em que você acha que a Biblioteca teve um salto em relação ao atendimento. Então do seu ponto de vista, de quem sempre trabalhou com o atendimento, como você vê?

SM: Eu acredito que nem foi muito culpa da Administração, foi mais pelo Centro Cultural ter sido inaugurado. O acesso deles é melhor, aqui não é como lá, eles dependem da gente para estar pegando o livro, o nosso acervo é bem mais precioso do que o de lá. O acervo de lá é bem mais de didáticos e aqui a gente tem coisas mais complexas. A facilidade de lá nos causou isso, esta queda de presença. No ano passado, a frequência aumentou aqui por causa dos cursos que teve do Colégio de São Paulo.

DP: Você acha que isso puxou, foi um chamariz?

SM: Puxou sim, foi um chamariz, está sendo um chamariz de novo para a Biblioteca, porque até então houve um espaço de tempo que estava um pouco parado, não tinha os cursos. Tinha as apresentações de música, esse tipo de coisa, que eram às quintas-feiras, mas agora, com bastantes cursos disponíveis, eles chamaram a atenção dos alunos que não tem condições de estar pagando cursos. Porque, se a gente for analisar, esses cursos por aí são caros, não são muito baratos para a nossa população, que é muito carente.

DP: E em relação às categorias que são mais procuradas, vocês têm estatísticas, se é literatura, ciências humanas? Quais são os mais procurados? Houve algum momento em que um outro tipo de literatura foi mais procurado? Vocês chegam a fazer esse tipo de trabalho no dia-a-dia?

SM: No dia-a-dia a gente percebe pela movimentação. Saem muitos didáticos, mas a literatura também está legal. Mas, ultimamente, a procura maior está sendo religião. De religião, antes saía um livro, dois livros, e agora a gente está vendo que está saindo



bem mais. Eu acho que também é por causa da mídia, da televisão, da novela. Às vezes a televisão passa um determinado assunto e a pessoa fica curiosa e vem saber o porquê da religião, de onde surgiu a religião. Ou, se alguma novela é baseada em um determinado romance que nós temos, aí eles vêm também. Eu até comentei com o pessoal em reunião que a religião agora está sendo bastante procurada e antigamente não era muito não. Agora está sendo bastante solicitado. Está dando uma diferença de uns 15% a mais nos livros sobre religião, do que nós tínhamos antigamente.

DP: E os periódicos, você também é a responsável ou é a Tamiko¹?

SM: A Tamiko é a responsável, mas passa pela nossa mão também, porque nós é que fazemos o atendimento ao público. Eles não têm ninguém para colocar no atendimento, então é o funcionário que está comigo que faz o atendimento dos periódicos.

DP: E o perfil de usuários de periódicos é muito diferente do da coleção geral? Vocês têm esses dados?

SM: A gente percebe que é diferente, porque vêm mais pessoas procurar coisas para anexar em processos. Vêm muitos advogados ou funcionários deles procurar algum tipo de matéria para estar colocando junto com o processo deles. É diferente, porque o nosso público tem algumas pessoas que vêm dar uma lida em um livro, um romance que não tem condição de comprar. Tem pessoa que vem porque realmente precisa fazer um trabalho que o professor deu para nota. É essa a diferença.

DP: E a população que frequenta a Biblioteca à noite, vocês têm os dados de quem são essas pessoas?

SM: À noite eu não fico muito, só quando precisa mesmo, mas, pelo que eu vejo, pelo tipo de pedido, no outro dia o tipo de pedido é o mesmo, a não ser o do público de

¹ Tamiko Shimada: bibliotecária responsável pelo Setor de Periódicos de 2001 a 2006.



jornais e revistas que às vezes fica lendo o dia inteiro uma *Folha da Tarde* ou o *Notícias Populares* e assim por diante.

DP: Você que esteve sempre ligada ao atendimento, eu acho que seria legal você tentar lembrar das histórias curiosas que você já viveu aqui com o público. Recentemente teve uma história curiosa com os moradores de rua.

SM: É, curiosa e ao mesmo tempo triste, porque a gente vê que é uma pessoa nova e que tem uma cultura boa. Ele é uma pessoa esclarecida, mas, infelizmente, não por ele viver na rua, ele estava infestado mesmo e nós tivemos que pedir para ele sair. Mas agora nós já estamos recebendo ele novamente, ele cortou o cabelo direitinho, está bem limpinho. Nós conversamos com ele, encaminhamos ele e já há dois meses ele voltou totalmente modificado. A aparência não, porque as roupinhas são as mesmas, mas ele voltou asseado, limpo, de cabelos e unhas cortados. Foi uma curiosidade, mas ao mesmo tempo uma coisa triste, porque ele é jovem e inteligente, que merecia uma chance.

DP: E, em geral, você sabe que tipo de literatura que ele procura?

SM: Ele lê todo tipo de literatura. Ele fica uma semana com um livro, outra semana com outro de outro assunto. Ele lê todas, pelo que a gente percebeu, ele é culto.

DP: E vocês sabem qual foi o motivo por que ele foi morar na rua?

SM: Outro dia eu e a Elvira estávamos até conversando com ele e ele falou que tem uma família que não é daqui de São Paulo. Ele tem uma filha. Mas aí o pessoal da Assistência Social chegou e ele parou de falar e nós não voltamos mais no assunto.

DP: E o pedido de encaminhamento da Biblioteca foi para que ele fosse atendido?



SM: Ele foi atendido e nos respeitou em todos os momentos, porque tem alguns que chegam e são agressivos com a gente, porque eles têm o direito de estar aqui dentro, mas eles têm esse direito desde que eles não coloquem a nossa saúde em risco.

DP: E isso já aconteceu muitas vezes?

SM: Foi a primeira vez em todo o tempo que eu estou aqui que a gente teve que tomar essa posição com alguém, porque estava muito visível. Talvez antes isso acontecesse também, mas, como o movimento era maior, você não via as pessoas separadas, o que está fazendo. Hoje, como o movimento é menor, dá para a gente analisar cada um, o que está fazendo, se está danificando o material ou não.

DP: E outras situações fortes que você tenha vivido no atendimento, na Seção de Artes, situações engraçadas que envolvam a relação com o público, alguma coisa que tenha chamado a atenção?

SM: É difícil, Daisy, porque coisas de décadas atrás eu não lembro. É difícil lembrar de alguma coisa porque a gente não tinha tempo de prestar atenção em nada. Éramos só nós mesmos, os funcionários, e o movimento era muito grande, a gente não tinha tempo nem de respirar como nós temos agora, porque o movimento caiu. Mas coisas marcantes de antigamente eu não me lembro muito porque a gente trabalhava muito.

DP: Na Seção de Artes você fazia atendimento?

SM: Atendimento também.

DP: E é muito diferente o tipo de trabalho?

SM: Não tem diferença nenhuma porque são classificadas iguais. Só as obras é que são diferentes porque são coisas realmente específicas dentro de artes, coisas de artes



plásticas, cinema, teatro. O atendimento é mais ou menos a mesma coisa que o nosso atendimento normal: são fichários, fichas. A busca é parecida porque eles têm uma parte do acervo armazenada na torre. Então não tem muita diferença, não. Para mim, eu acho que não.

DP: E, de todas as atividades que você realizou, qual você acha que mais te realizou?

SM: Foi nestes últimos tempos, de eu estar junto com o meu pessoal, porque elas são pessoas maravilhosas, que merecem todo o meu respeito. São pessoas de idade que se esforçam ao máximo. A maioria tem idade para ser minha mãe, eu sou bem mais nova. Pela idade que eles têm, acho que eles se esforçam até demais, pelo que nós estamos vivendo agora, porque está tudo muito difícil, até pelo ambiente onde falta isso, falta aquilo. Até para eles tomarem água precisam descer para o refeitório ou para a minha sala, então fica complicado para eles. Eu acho que um dos momentos mais felizes que eu tive foi junto com eles.

DP: E você acha que tem uma relação cooperativa dentro da Biblioteca? A instituição permite que as pessoas se congreguem, que os profissionais se relacionem, ou você percebe que as divisões são muito claras entre os setores?

SM: É muito complicado porque, como vieram muitas pessoas de fora – não é que ficou mais difícil por causa dessas pessoas, não é isso – é que as pessoas ainda não conhecem todo mundo, não se relacionaram. Tem pessoas que ainda não sabem quem é quem, nem foram apresentadas, aí fica difícil. Antigamente não, as pessoas já chegavam e passavam por nós, então já faziam parte da família, porque a gente se trata como uma família.

DP: Você acha que existe entre os funcionários esse sentimento forte de cumplicidade, companheirismo e confiança?



SM: Existe bastante, desde que eu entrei até hoje.

DP: Isso envolvendo bibliotecários, funcionários administrativos, você acha que há essa relação entre as diferentes categorias profissionais? Porque a Biblioteca é muito dividida, não é?

SM: É muito dividida. A Biblioteca sempre foi muito dividida. Antigamente era até mais dividida: ali era ali e você não podia ir. Ali, por exemplo, era a área verde, onde ficava a direção, diretores de departamento e nós não podíamos ir.

DP: Onde era essa área verde?

SM: É onde hoje fica o xerox e a legislação. Aquela área todinha era a área verde, a Secretaria da Cultura, o antigo Departamento e a gente não podia passar para o lado de lá.

DP: Isso era uma regra definida?

SM: É, nunca no papel, não é? Naquela época, sim, os funcionários eram os funcionários, os bibliotecários eram os bibliotecários, e daí por diante. Agora está tendo uma junção que ainda não é total, mas estão tentando se unir. Antigamente era bem mais separado, tanto que eles tinham uma festa de fim de ano deles e nós tínhamos a nossa. Nós não podíamos ir à festa deles, mas eles vinham à nossa.

DP: Isso foi em todos os anos que você esteve aqui?

SM: Foi em alguns anos. Quando o Departamento saiu daqui, as coisas melhoraram bastante. Deu uma diferença, porque ficamos só nós e as direções, que são as atuais BP21², BP1³, que foram embora agora, e BP2⁴, que é lá em cima onde era o

² BP21 - Subdivisão de Referência e Informação (atual Coordenação de Referência e Informação)



Departamento. Agora está tentando se unir, mas houve sim, no início. Quando eu entrei aqui havia uma separação de classes, infelizmente havia sim.

Entre nós, o pessoal da torre, é que nem eu digo: toda vez que a gente faz alguma coisa a gente deixa livre para todos irem, a gente faz questão e convida a Biblioteca toda, mas a gente também não era assim e a gente não ia, porque a gente não era convidado, então não podia ir. Mas agora já mudou bastante, tem muita gente do nosso lado e que nos respeita como profissional que nem eles. Eles têm o nível universitário, estudaram para isso, nós respeitamos, mas ser humano todos nós somos, todos nós gostamos de ser bem tratados e a gente sempre tratou eles bem. Mas agora já mudou bastante. De uns anos para cá mudou muito e uma das responsáveis por essa mudança foi a Marli Monteiro, ex-diretora, que foi uma pessoa muito batalhadora, muito humana, ela batalhou mesmo pela gente e o que ela pôde fazer ela fez. Tem outras pessoas, a dona Janeta, ela batalhou muito por alguns privilégios que nós temos hoje, foi a Janeta que batalhou pela gente.

DP: Quais privilégios?

SM: Ela lutou muito pelo vale refeição, que na época nós não tínhamos - ela lutou e conseguiu isso para a gente - pela unificação da convocação que antigamente era por níveis: tinha nível um, nível dois e nível três. Isso era uma coisa horrível porque, quem trabalhava mais, ganhava menos, e os que menos faziam ganhavam mais. E contra isso a gente lutou. Foi na época do secretário Gianfrancesco Guarnieri⁵ que a convocação foi colocada para todos nós e não um privilégio para eles. Todos agora ganham o nível um.

DP: E, em relação à disciplina, alguns diretores foram mais rigorosos com o horário de trabalho, flexibilidade, com regras mais definidas no dia-a-dia?

³ BP1 - Divisão de Processamento Técnico do Departamento de Bibliotecas Públicas (era na BMA).

⁴ BP2 - Diretoria Técnica - Biblioteca Mário de Andrade (atual Divisão de Acervo).

⁵ Gianfrancesco Guarnieri foi Secretário Municipal de Cultura de São Paulo entre 1984 e 1986.



SM: Sim. Na década de 1980 até 1990 a regra era bem categórica. Nós tínhamos um relógio de ponto, hoje não temos mais. Nós tínhamos que cumprir o horário - como cumprimos até hoje. Aqui é um dos únicos locais que cumpre até hoje o horário de oito horas de trabalho. É por isso que até hoje ninguém quer trabalhar aqui. A primeira coisa que a pessoa pergunta é: “Qual é o horário de vocês?” - “Oito horas” - “Não me interessa”. Porque eles fazem menos horas em outros lugares. Eu tenho certeza que um dos únicos lugares que ainda cumpre as oito horas é aqui. Nem dá para fazer menos porque, se fizermos menos, teremos que fechar. A gente entra de manhã e só vai embora de tarde, seis horas, sete horas, a hora que dá para sair.

DP: E em relação aos colegas, Sylvania, com quem você teve mais identificação?

SM: Olha, eu me dou bem com todo mundo, nunca tive problema com nenhum amigo do trabalho, nunca tive atrito, briga. Até com uma senhora que temos aqui e que não se dá bem com ninguém, mas é uma boa profissional e nós não podemos falar nada dela. Nunca tive atrito, ficar de mal com ninguém, nunca tive esse problema aqui até hoje e espero não ter até eu ir embora.

DP: E diretores que você achou que foram sensíveis em relação aos funcionários?

SM: A mais era a Marli. Agora a Marfísia⁶ também, que é uma pessoa bastante humana, toda vez que a gente precisa de alguma coisa a gente recorre a ela e ela está disposta a nos ajudar. E o pessoal de agora, os tempos mudaram também; ou a pessoa muda ou muda, não tem como, porque este é o lugar em que passamos a maior parte de nossa vida. Eu saio de manhã de casa e volto de noite, a minha casa é aqui porque, praticamente, eu só volto para casa para dormir e no outro dia volto aqui. Por isso a gente tenta ser bem unido e a gente é unido. Na torre nós somos unidos: ali, se mexeu com um, mexeu com todo mundo; se um chora, todos choram juntos; se um fica

⁶ Marfísia Lancelotti: diretora técnica de 2003 a 2005.



doente, a gente fica doente junto. Somos muito unidos, a gente gosta muito um do outro.

DP: E em relação a uma situação que você tenha vivido aqui e que tenha sido muito difícil, algum preconceito, algum momento mais conflituoso aqui na Biblioteca?

SM: Olha, nunca tive não. Se eu falar para você que tive, eu vou estar mentindo. Eu sou muito transparente, eu não gosto dessa coisa de “me falaram”. Se me falaram vamos conversar sobre quem falou ou então você nem me fala. Eu não tenho mágoa de ninguém, não guardo mágoa de ninguém.

DP: E em relação ao trabalho, teve alguma situação muito difícil?

SM: A falta de pessoal. É difícil porque você acaba sacrificando outras pessoas, e pessoas já de idade, com alguma dificuldade, porque são senhoras de idade que a gente tem aí. Ninguém é mais de vinte ou trinta anos, meus funcionários são todos de quarenta e cinco anos até sessenta e nove. É difícil pedir para eles atenderem dois andares, é complicado.

DP: E aí, como é que você faz, você tem que suprir isso?

SM: Elas mesmas, ou eu às vezes saio do monta-cargas, subo e pego, as meninas sobem e pegam, ou seja, uma ajuda a outra e elas mesmas fazem questão de estar ajudando. Mas a gente se sente mal de ficar pedindo, pela idade delas e por tudo que elas já fizeram aqui dentro e ter que ficar nessa situação. Ultimamente não tem tido tantos pedidos, mas só o processo de estar se deslocando, só tem um elevador e, até esse chegar, é mais fácil ir de escada. É o que elas fazem e a gente fica preocupada, tem medo de acidente, delas escorregarem, principalmente à noite.

DP: Já teve algum acidente de trabalho sério envolvendo o seu pessoal?



SM: Não, sério não. Já houve pessoas que escorregaram e caíram, mas acidentes sérios não, só de escorregar, ter uma luxação aqui e ali. Até há pouco tempo tivemos uma que escorregou e teve uma luxação na perna, teve que ficar quinze dias afastada e nos fez falta, porque uma a menos, mas coisa grave, mesmo comigo, não teve.

DP: E esses funcionários que trabalham com você na torre, muitos deles vieram da área da saúde, ou não?

SM: É. Na parte da tarde é a maioria que veio da Saúde, acho que só dois que não. De manhã, comigo, tem umas quatro ou cinco.

DP: E você acha que a adaptação desses funcionários foi difícil?

SM: No início sim. Alguns tiveram uma resistência porque na Saúde era outro tipo de trabalho, era outro tipo de regalias e nós não temos regalias aqui. Para eles foi um pouco difícil, mas eles se adaptaram bem, são excelentes funcionários também e não querem sair daqui.

DP: Hoje eles acham que o trabalho aqui é mais suave?

SM: Com certeza, hoje eles dizem que sim, porque o serviço que eles faziam era mais desgastante do que o daqui.

DP: E para eles esse trabalho na torre, muitos deles, nós entrevistamos a dona Tereza e ela disse que aprendeu a tocar violão, que leu [...] ⁷, você acha que isso acontece, a maior parte deles tem uma relação com o tempo, enquanto eles estão lá, porque não tem uma demanda contínua.

⁷ Inaudível.



SM: Agora não, agora é bem menor. E aprendem sim. Eles lêem bastante. Tem algumas pessoas que fazem alguns cursos, já se interessaram em fazer alguma outra coisa. Eles aprenderam bastante, sim, pelo menos, os que vieram, falaram que aprenderam muito. Alguns inclusive voltaram a estudar. Dá para aprender bastante, se aproveitar o tempo. O pessoal fala que é na torre, aí a pessoa entende que é uma cadeia, mas não é, é um local de trabalho como qualquer outro, uma sala onde tem um monte de livros que você pode ler e que não é preciso ficar ali oito horas por dia. Você está livre, pode ir ver seu colega de cima ou de baixo, pode fazer alguma coisa para o seu próprio bem e não se sentir solitário. E, quando não se sente bem, chama e a gente sobe, já vê e fala: “Olha, fica hoje com o fulano, porque ele não está bem”. Geralmente, a gente organiza as estantes. A pessoa pode também chamar a gente. Dificilmente alguém fica sozinho, só se realmente quer ficar isolado.

DP: E essa sua relação com esses senhores, foi uma experiência interessante?

SM: Foi bem interessante. Algumas pessoas são da minha idade e outras são bem mais velhas do que eu. Então, quando você vai pedir alguma coisa ou determinar alguma coisa, é meio difícil, porque, como chegar numa pessoa que tem o dobro da sua idade? É difícil, tem horas que é bastante difícil, mas elas me deixam bastante à vontade para isso. Então a gente tem uma relação de amigos, não uma relação de chefia/funcionário. Nós nos tratamos como amigos e nos respeitamos como amigos, mas elas não esquecem nunca que eu sou a chefe e me respeitam também por isso. Elas nunca misturam amizade com o profissionalismo.

DP: E você, ao se afastar da instituição, que é uma coisa que vai acontecer, mesmo que seja daqui a algum tempo, do que mais você se ressentirá ao se aposentar?

SM: De ficar longe dos meus amigos, porque amigos por fora eu não tenho, a não ser as pessoas da minha família. Meus amigos estão aqui dentro e vai ser difícil, porque



trinta anos fazendo o mesmo caminho, a mesma trajetória, é uma coisa meio complicada. Vai ser difícil.

DP: E como você acha que será lembrada quando você se afastar da instituição, pela sua responsabilidade, pela sua solidariedade aos colegas?

SM: Eu acho que engloba tudo. É como eu te falei: a gente é tão unido! Na sexta-feira eu não vim trabalhar e hoje todo mundo me ligou: “Você está melhor? O que aconteceu?”. Então você sabe que as pessoas sentem falta de você e não é porque você é alguma coisa, é por você, porque eu sou uma funcionária como eles. Então você sente que as pessoas gostam de você, não é pelo cargo que você tem. Então vai ser difícil, e pelo lugar também, porque eu gosto daqui.

DP: Você tem uma relação forte com a Biblioteca?

SM: Eu gosto. Eu gosto porque praticamente eu entrei jovem aqui e vou sair com uns 50 anos. Se der tudo certo, não vou sair velha, lógico.

DP: E qual é a importância para você de ser um servidor municipal?

SM: Para mim o legal é você poder ajudar as pessoas menos favorecidas, porque muita gente que vem aqui, você sabe que não tem como fazer seus trabalhos ou comprar livros, que são muito caros. Hoje em dia é muito difícil comprar um livro. Para mim, a parte mais gratificante é esta, ajudar o público que não tem condições. É muito bacana e eu acho que deveriam existir mais lugares assim, porque hoje em dia está difícil de ter um estudo bom. E não basta a pessoa ter uma educação boa, tem que ter uma cultura boa também. Porque hoje em nosso país a cultura está difícil. Agora eles estão tentando desenterrar a cultura, antes era só educação que importava, mas agora a cultura está se tornando importante. E vamos ver se dá certo, se nós teremos a maior parte da nossa população culta.



DP: E você acha que mudou muito a condição de funcionário público da década de 1980 até hoje? Quando você falava que era funcionária pública você sentia que tinha mais respeitabilidade e que agora você precisa provar que trabalha?

SM: Mudou. Tinha mais respeito. Antigamente as pessoas eram mais educadas. Hoje elas já chegam dizendo que nós temos a obrigação, porque pagam o nosso salário. A gente escuta esse tipo de coisa hoje, que nós não ouvíamos antes, o usuário era mais educado. A gente é obrigada agora a escutar esse tipo de coisa.

DP: A relação com o usuário ficou mais tensa?

SM: É, ficou. Antigamente o público mesmo, o usuário era um pouco diferente. É até difícil falar, mas era diferente. Mas é como eu te falei, nós estamos abertos para todos os tipos de pessoas, está livre. E tem pessoas, principalmente a juventude de hoje, que mudou muito, não é mais como a juventude de antigamente. Antigamente era “por favor”, agora não é “eu quero”, ou “tia”. Não tem muito respeito, a juventude de hoje. Eles não respeitam muito.

DP: Você já teve alguma situação mais difícil que você tenha vivido?

SM: Comigo não, mas com outros funcionários que trabalhavam comigo sim, mas deu para resolver, conversando e sendo bem mais educado do que eles. Porque a lei é essa: você tem que ser bem mais educado do que aquele que está te atingindo, senão você desce no mesmo nível e aí acaba se transformando numa coisa que a gente precisa chamar a segurança mesmo.

DP: E isso nunca aconteceu?



SM: Só para algumas pessoas e nem eram jovens, eram pessoas de idade. Tivemos uma passagem com um leitor, um senhor que frequentava e que se identificava como advogado e que punha o dedo em cima de todo mundo, fazia e acontecia, até que não deu mais e tivemos que chamar a polícia, porque ele mexia com as pessoas, e a polícia veio, conversou com ele, acabou descobrindo que ele nem era advogado, depois disso ele vem aqui, mas nunca mais mexeu com ninguém. E ele só faltava agredir as pessoas, uma na portaria chegou a ser agredida por ele. Aí eu falei: “Não dá mais para ficar assim”, e eu chamei a polícia e depois eu informei a direção e expliquei que eu chamei a polícia porque, se eu fosse informar a direção primeiro, não daria tempo.

DP: E essa comunicação com a direção sempre foi tranquila? Quando os problemas apareciam nesse tempo em que você está aqui, na relação com os diferentes diretores que você já teve, esse processo é simples ou é muito hierárquico, quer dizer, para as situações vividas no cotidiano chegar até a direção?

SM: Da época que eu peguei meu cargo para estar respondendo pela torre até agora, eu não tive nenhum problema com nenhum diretor. Eu sempre tive acesso fácil, sempre que precisei eles me respeitaram dentro do meu cargo, qualquer decisão que eu tive foi respeitada, não tive nenhum problema com nenhuma direção até hoje. Esta nova direção está há um ano e eu também não tive problemas. Se eu disser que tive, eu estou mentindo. Desde esse período de oito anos que eu estou respondendo pela torre, não tive problema com direção, sempre qualquer atitude que eu tomo, eles assinam em baixo.

DP: E a comunicação interna? Isso é uma dificuldade que eu sinto. Eu acho que os setores conversam pouco e a gente acaba sabendo pouco o que as outras áreas estão fazendo, não tem um canal de comunicação...

SM: Falta um canal direto. Isso é verdade. Tem semana que eu passo a semana toda e não vejo a diretora, porque eu consigo resolver os problemas que eu tenho no setor e



não tenho por que ir até a direção. Se o problema for maior, eu procuro. E é por isso que a gente está respondendo por aquilo, então eu acho que tem que tentar resolver. Acho que a única dificuldade é essa, porque a gente tenta resolver e resolve e às vezes a gente acaba nem passando para a direção, porque não há necessidade. Quando é uma coisa grande, a gente tem que passar por esses canais, passar pela hierarquia, passar para a Ilza, ela passa para a Marfísia e depois para o Luís Francisco.

DP: E dos prefeitos e secretários de Cultura, você se lembra de algum episódio, algum que tenha vindo aqui, que tenha tido uma relação mais forte com a Biblioteca?

SM: Olha, da época que eu estou até agora, os prefeitos que vieram foram o Maluf, o Pitta, a Marta e agora o Serra. Eu não me lembro de outro que veio. Eu entrei aqui entre o final do mandato do Reynaldo de Barros e início do mandato do Mário Covas, que eu acho que foi um dos melhores prefeitos que tivemos durante a minha vida pública. O melhor secretário foi o Gianfrancesco Guarnieri, que foi em 1989, eu não me lembro bem.

DP: E por quê?

SM: Porque foi um dos únicos que esteve aqui, pediu uma reunião com os funcionários e quis conhecer os funcionários pessoalmente, quis estar próximo, ele fez questão de conhecer um a um os funcionários da Biblioteca. Foi o único assim, porque os outros vêm para os eventos e reuniões, mas não para esse tipo de relação com o funcionário, para saber quem é o funcionário que está trabalhando para a Secretaria dele. Ele se interessou bastante. Ele não veio só para uma reunião, um evento.

DP: Já teve alguma política de recursos humanos, alguém que tenha trabalhado com os funcionários, porque esse processo de formação que você teve e que a maior parte das pessoas têm aqui não é muito orientado por ninguém, ou teve?

SM: Houve uma época que quem fazia isso era a dona Vilma Izaac, mas foram bem poucas pessoas que ela teve contato. Eu mesma não tive contato com ela para uma orientação. Quando eu comecei a trabalhar aqui os outros funcionários foram me ensinando e o resto a gente vai adquirindo com o tempo.

DP: E os conflitos são resolvidos graças ao bom senso dos funcionários.

SM: Graças ao bom senso dos funcionários.

DP: Não tem ninguém que faça essa mediação?

SM: Não, sempre é entre nós. Procuramos resolver entre nós. Agora, se é uma coisa bastante grave, a gente leva para a direção. Hoje em dia, mesmo que eu resolva o problema, eu passo para a direção o que fiz: “Olha, aconteceu isso e isso e eu fiz isso”. Aí, pelo menos a versão não chega diferente e a hora que a pessoa for falar, que me chame, que eu acho que é o mais correto.

DP: E você, como funcionária, o que você projeta para a Biblioteca, você acha, por exemplo, que ela deveria ter como perspectiva agora o crescimento do acervo, ou mais funcionários para o atendimento?

SM: O crescimento do acervo vai ser inevitável e realmente a gente vai ter que fazer alguma coisa porque não tem mais onde armazenar mais nada, está complicado. A contratação de funcionários é inevitável, porque está difícil para a gente. Então o que eu almejo é isso. Esta Biblioteca é muito bonita e acho que ela merece crescer como ela está, não a modificando em nada, porque está legal assim. É um acervo bastante respeitado, a gente tenta cuidar bem dele, e, se ele circulasse, nós não teríamos mais nada, essas belezas que a gente tem aí, nós não teríamos mais nada.

DP: Você chegou a trabalhar na biblioteca circulante? Como foi essa experiência?



SM: É bom e não é, porque tem muita gente que não devolve os livros, e eles ficam perdidos. E não adianta, porque a pessoa hoje dá o endereço de um lugar e amanhã ela está em outro. Eu não gostei de trabalhar na circulante. Eu prefiro estar aqui porque eu entrei aqui e você sente a mudança do ambiente, das pessoas. O ambiente no lugar onde eu trabalhei era muito ruim porque era ali na Praça Roosevelt e era rodeado de muita coisa, o próprio local era péssimo, não tinha ar condicionado, quase morríamos ali dentro. Era um lugar bem ruim de se trabalhar, então naquela época eu não gostei, pelo ambiente, eu saí de lá passando mal. E as portas a gente não podia abrir, porque era cheio de... A gente tinha bastante “visita” do lado, tinha bastante “vizinhos” e não podia deixar a porta aberta. Então lá eu não tive uma experiência legal, não gostei muito.

DP: E durante o ano em que a Biblioteca ficou fechada, você ficou onde?

SM: Durante a reforma, eu fiquei na biblioteca do Tatuapé.

DP: E como foi?

SM: Foi legal porque as pessoas de lá eram legais e foi bastante gente daqui, foi o Walter (Ignácio dos Santos), a Sandra (Regina Norberto). Foi uma continuidade do serviço, a única diferença é que a gente trabalhava no atendimento para emprestar livro, mas era atendimento também. A gente não teve muita dificuldade de adaptação. A única diferença é que lá nós emprestavamos livros e aqui não. Foi uma experiência legal, foi um ano muito proveitoso, a gente aprendeu muito a lidar com outros tipos de pessoas. Com as pessoas de lá, foi diferente.

DP: Silvania, o fato de você trabalhar numa instituição tradicional, uma das mais antigas do país, o que significa para você? Tem algum diferencial ter trabalhado para a preservação da memória dessa instituição que hoje...



SM: Para mim, acho que foi tudo. Eu entrei aqui com vinte anos. Eu aprendi muita coisa aqui dentro. Para mim, trabalhar aqui foi muito gratificante e eu vou sair daqui muito triste, porque eu tenho que ir, também não adianta eu ficar aqui até o final da vida. Eu tenho uma outra vida fora daqui.

DP: E a tua família teve uma relação aqui, os filhos, os pais?

SM: Os meus sobrinhos frequentavam na época que eles estudavam, agora a maior parte são todos formados. Os meus pais não. A minha mãe, quando eu entrei, já era falecida e o meu pai já era uma pessoa de idade. Ficou mais para os meus sobrinhos que vinham fazer pesquisas e hoje já são todos formados. Agora ficou a minha filha, que às vezes vem fazer alguma pesquisa aqui.

DP: E você disse que a sua perspectiva é se aposentar e abrir um negócio seu?

SM: É verdade. É a minha intenção, vamos ver se dá certo.

DP: Muito obrigado! Você gostaria de falar mais alguma coisa?

SM: Não. Eu acho que tudo já foi falado.

DP: Então está bom. Se você se lembrar de mais alguma coisa, estamos abertos.

SM: Está bom.

